



O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL

Vitória Heloize Santos da Silva

Estudante de Licenciatura em
Pedagogia

Universidade Católica de
Pernambuco

vitoria.00000844259@unicap.br

RESUMO

Resumo: A formação do sujeito social se dá a partir da relação com o outro no meio social. Dessa forma, a Educação tem grande importância no processo de formação do sujeito, por este motivo, deve ser criativa, plural, democrática, crítica, participativa, equitativa, empática e política. Com os questionamentos e reflexões sugeridas nesta pesquisa, espera-se que o leitor, inserido no campo educacional, desperte em si a inquietação necessária para sua auto-análise. A presente pesquisa apresenta como objetivo a discussão acerca da Educação, como área de conhecimento, que pretende colaborar com a formação de sujeitos sociais, capazes de pensar com autonomia e criticidade as problemáticas que permeiam a sociedade. O uso da pesquisa bibliográfica e documental, embasada com o filme “Escritores da Liberdade”(2007), pôde enriquecer o suporte teórico deste trabalho, trazendo discussões pertinentes ao contexto político-social atual, em que muito se fala na Educação como forma de evolução social e transformação global. Pretendeu-se, assim, colaborar com a produção científica da área, que preocupa-se com uma educação atuante no que diz respeito à evolução político-social da sociedade.

Palavras-chave: Educação; Político-social; Sujeito social.

1. INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade a educação permeia as relações humanas, sendo na Grécia Antiga a origem das primeiras concepções do pedagogo. Aponta-se que a Pedagogia trata-se de uma ciência que engloba não somente o ato de ensinar os conteúdos de

conhecimento científico, próprios de um ensino pragmático, como também os ensinamentos voltados para a sociabilidade dos indivíduos, incluindo aspectos éticos e morais que preparam o sujeito não somente para o mundo do trabalho como também para as vivências sociais. Preocupado com a categorização do pedagogo, Libâneo faz a seguinte afirmativa:

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. (LIBÂNEO, 2001, p. 6)

Diante disso, é possível perceber a revolução paradigmática ao qual Libâneo coloca a Pedagogia; identificando-a como uma ciência responsável não somente pela prática de ensino, como também pela construção do sujeito social, ou seja, por objetivos de formação humana que transcendem as ambiências escolares, adentrando na realidade do educando.

A asseveração da Pedagogia como a ciência da Educação: “E somente a Pedagogia pode ser a ciência da educação, pois seu objeto exclusivo de investigação é a Educação” (Pinto, 2006, p.31), explicita a importância da contribuição da Pedagogia nos processos de formação do sujeito, extrapolando a fragmentação de conteúdos disciplinares praticados em sala de aula.

É neste sentido que a presente pesquisa apresenta como objetivo a discussão acerca da Educação, como ciência, que pretende colaborar com a formação de sujeitos sociais, capazes de pensar com autonomia e criticidade as problemáticas que permeiam a sociedade. O uso da pesquisa bibliográfica e documental, utilizando como fonte documental o filme *Escritores da Liberdade*, pôde enriquecer o suporte teórico deste trabalho, trazendo discussões pertinentes ao contexto político-social atual, em que muito se fala na Educação como forma de evolução social e transformação global. Pretendeu-se, assim, colaborar com a produção científica da área, que preocupa-se com uma educação atuante no que diz respeito à evolução político-social da educação.

0. METODOLOGIA

Para a construção literário-científica do presente trabalho utiliza-se uma abordagem metodológica qualitativa, onde são discutidos de forma racional os problemas apresentados na formação do sujeito social, tomando como partido a responsabilidade da Educação neste processo. A pesquisa apresenta o método indutivo, visto que são analisados e discutidos, de forma lógica, a problemática da Educação como meio de colaboração na construção de sujeitos sociais.

Os meios utilizados para a construção do presente trabalho, consiste na revisão bibliográfica e documental, visto que, para cargo de contextualização, realiza-se o debate crítico acerca do filme *Escritores da Liberdade*. A pesquisa documental, nas palavras de Gil (2008, p. 51), “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Neste caso, a fonte documental utilizada foi o filme *Escritores da Liberdade*, que tem como título original *Freedom Writers*, lançado no ano de 2007 sob a direção de Richard LaGravenese.

Para a realização da análise do filme faz-se necessária a busca de obras científicas das áreas de Pedagogia, Antropologia, Sociologia e linguística que dão embasamento teórico à discussão ora apresentada. Dessa forma, a pesquisa trata-se também de uma pesquisa bibliográfica, pois, de acordo com Gil, a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2010, p. 50).

0. REFERENCIAL TEÓRICO

Analisando a obra de Bakhtin “Para uma filosofia do ato”, Lima traz a seguinte perspectiva sobre sujeito:

[...] E essa linguagem promoverá sempre um mundo a partir de uma atitude participativa, interessada, estabelecendo as ideologias, as relações socialmente organizadas, que por sua vez serão determinantes na constituição do sujeito que se colocará, pensará o mundo não de forma fortuita, mas vinculado ao fator social. (LIMA, 2018, p. 60)

Em concordância com esse pensamento, o professor e sociólogo, Boaventura de Sousa Santos traz uma discussão acerca do que ele chama de “lucidez indispensável”. Para ele, o sujeito se faz a partir do pensamento crítico e indagador em relação ao mundo. É através das relações sociais que se forma o sujeito em seus aspectos morais, políticos e intelectuais. (SANTOS, 2001)

Na concepção platônica do Mito da caverna em que o indivíduo vê somente aquilo que lhe é mostrado, sem indagar de onde provém a imagem que lhe é mostrada, mostram-se indivíduos incapazes de enxergar a realidade que os cercam, ficando, assim, reféns de uma visão de mundo que lhes é imposta. A Educação entra como agente principal de transformação dessa realidade predisposta culturalmente, ao qual o indivíduo é introduzido desde a infância.

É na infância que o indivíduo é inserido na sociedade, sendo-lhes apresentadas instituições como família e escola, de cunho valioso na construção do arcabouço do sujeito enquanto cidadão. Sobre isso, Santos e Nogueira (2020), através da discussão acerca do Mito da Caverna no contexto da educação escolar, corroboram com a proposição de que é desde a infância que o ser humano é inserido na caverna e acorrentado por imagens e ideias de mundo que lhes são apresentadas com o objetivo de aliená-los e assim tornar-lhes prisioneiros. Segundo as autoras supracitadas: “Estando desde a infância habituados ao mundo de sombras, os indivíduos acreditam que as imagens ilusórias são a realidade e a verdade e costumam acreditar em algo que traga novidades.”(SANTOS; NOGUEIRA, 2020, p. 155)

Sendo assim, entende-se que a construção do sujeito se dá a partir da participação social, da relação com o outro, e é assim que são formados indivíduos capazes de pensar racional, crítica e filosoficamente. É dessa forma, que a libertação das correntes e saída da caverna se concretiza, através da Educação. Encontrando na Educação ações afirmativas de preocupação com a integridade do sujeito, com o respeito às diferenças, com a construção de uma postura crítica e racional, a incorporação da consciência de coletividade, o respeito a heterogeneidade, entre outros fenômenos, que poderá encontrar-se a luz presente fora da caverna.

Em uma sociedade imersa nas trevas da ignorância, a escola, como lugar de produção do saber, se apresenta como lanterna mágica. A educação liberta à medida que se propõe ser espaço crítico da sociedade e não reprodutora dos “valores” sociais forjados nas trevas da ignorância. A escola é a oportunidade de romperem-se as correntes do preconceito, do modismo, do senso comum, e ascender ao novo mundo iluminado pelo sol do saber. (SANTOS; NOGUEIRA, 2020, p.155)

Além disso, é preciso pensar na subjetividade da construção do sujeito. O ser humano possui, em sua individualidade, características próprias que provém da sua vivência, ou seja, da realidade que o cerca. A cultura, a família, a região, a escola, a religião, os grupos sociais, são instituições sociais que moldam a forma de pensar do

sujeito. Pensar nessa subjetividade é admitir que apesar da semelhança biológica e social com outros sujeitos, o sujeito social é o ser que detém a posse de sua própria historicidade e assim, da constituição daquilo que o torna diferente dos outros seres humanos, como afirma Dayrell (2003) citando Charlot (2000):

Para efeitos desta análise, assumi a definição de Charlot (2000, p. 33 e 51), para quem o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, O jovem como sujeito social Revista Brasileira de Educação 43 além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere. (DAYRELL, 2003, p. 42)

Contudo, é na relação com o outro que constitui-se a prática do sujeito social, é na interface entre o próprio sujeito e o meio em que vive que o torna pertencente à sociedade. Essa relação epistemológica entre subjetividade e constituição do sujeito - enquanto ser social - é que faz com que compreenda-se o fenômeno da pluralidade de ideias e diferentes concepções de mundo presentes nas sociedades. A seguinte afirmação traz a elucidação de como se constitui o sujeito, numa visão psicológica, que se dá através do conhecimento acerca do conceito do “eu-outro”.

O eu não é sujeito, é constituído sujeito em uma relação constitutiva Eu-Outro no próprio sujeito, essa relação é imprescindível para a constituição do sujeito, já que para se constituir precisa ser o outro de si mesmo. É necessário o reconhecimento do outro enquanto eu, alheio nas relações sociais, e o reconhecimento do outro enquanto eu próprio, na conversão das relações interpsicológicas em relações intrapsicológicas, mas nesta conversão, que não é mera reprodução mas reconstituição de todo o processo envolvido, há o reconhecimento do eu alheio e do eu próprio e, também, o conhecimento enquanto autoconhecimento e o conhecimento do outro enquanto diferente de mim. (MOLON, 2000, p. 15)

É nessa perspectiva que é necessário a manifestação da “lucidez indispensável”, ao qual trata o pensador contemporâneo Boa Ventura de Souza Santos(2001) em seu texto “Seis razões para pensar” , que, em síntese, debate a clareza pela qual o sujeito observa e compreende o mundo ao seu redor, na prática de suas relações sociais. Desse modo, o sujeito cria seus próprios pensamentos, sua própria historicidade, sua própria visão de mundo.

Neste sentido, Santos(2001) vem trazer uma perspectiva de que a formação do sujeito deve ter como finalidade a autorreflexividade. A autorreflexividade vai funcionar como sendo a capacidade de interagir com a sociedade de forma humanizada, possuída de sensibilidade, empatia, criatividade, senso crítico, etc. É dessa forma que a educação entra como mediadora fundamental desse processo de construção do sujeito autoreflexivo.

Educar, para Freire(1983) , é “construir gente”. “Construir gente” assemelha-se com a frase comumente falada na contemporaneidade que é “construir um mundo melhor”. É com a palavra construção - que significa “trabalho de organização e criação de (algo)” (Oxford Languages) - que se molda a sociedade, que se forma sujeitos sociais. Construir uma sociedade com pessoas autorreflexivas é um trabalho histórico, ao qual fazem parte todos os setores da sociedade.

Portanto, é possível afirmar-se que está a cargo da Educação a responsabilidade da construção e amadurecimento desse sujeito autorreflexivo, trazendo para dentro do ambiente escolar a extrapolação da aprendizagem conteudista e incorporação de uma postura político-social pois como diz Freire(2000): “Não pode existir uma prática educativa apolítica”. Dessa forma, o presente trabalho traz a discussão sobre a educação problematizadora, crítica, política, plural e sensível às individualidades do aluno, enquanto sujeito social.

0. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escritores da liberdade é um filme que trata da realidade de grande parte das escolas do mundo. O racismo, a perda de parentes e amigos, a criminalização, a formação de gangues, a desigualdade social, a depressão, o uso de drogas, a xenofobia, a desestruturação familiar, a evasão escolar, a alfabetização funcional, entre outros problemas sociais, que são apresentados no enredo do filme.

O filme, estreado em 2006 e dirigido por Richard LaGravenese, conta a história de uma escola nos EUA que recebe uma nova professora: a sra Gruwel. Ela se depara com um grande desafio: como educar para a complexidade em meio a tantos problemas sociais em que seu alunado está inserido? Esse é o grande desafio dos profissionais da educação da contemporaneidade.

Apresenta-se, a seguir, uma fala de uma cena do filme em questão, em que uma das alunas questiona a professora dizendo:

Você não sabe de nada, não sabe a dor que a gente sente. Não sabe o que a gente tem que fazer, não tem respeito pelo modo como vivemos. Você vem aqui para ensinar essa droga de gramática e depois a gente tem que voltar para a rua, e o que você entende disso ein? O que você faz aqui dentro que muda alguma coisa na minha vida? (ESCRITORES DA LIBERDADE, 2006).

Esse questionamento é extremamente necessário, à medida em que desafia o profissional da educação a refletir sobre sua atuação no ambiente escolar. Além disso leva-o a refletir sobre o impacto social que sua profissão apresenta. É preciso que cada vez mais professores e professoras, pedagogos e pedagogas, entendam que sua prática profissional não se limita apenas a entrar na sala de aula e depositar conhecimento, como reflete Paulo Freire, chamando essa prática de “educação bancária” (FREIRE, 1968).

Faz-se necessário que antes mesmo de caírem na tragédia do fracasso educacional, os profissionais da educação se autoquestionem: “O que eu consigo fazer para que os meus alunos se tornem sujeitos sociais capazes de mudar a realidade a sua volta? O que eu posso fazer para mudar algo na vida desses estudantes? Qual será o impacto que a minha atuação como formador socio-educacional acarretará na vida dessas pessoas? Ou até mesmo a indagação que o historiador Noah Harari faz em sua obra *Sapiens*, que serve de reflexão para todos os sujeitos sociais, independente da sua área de formação:

“Nós dominamos o meio à nossa volta, aumentamos a produção de alimentos, construímos cidades, fundamos impérios e criamos grandes redes de comércio. Mas diminuimos a quantidade de sofrimento no mundo?” (HARARI, 2020, p. 427).

Questionada pela aluna citada acima, a professora Gruwel enxergou a necessidade de reflexão sobre a prática educativa que estava construindo, e enxergou a necessidade de mudança e transformação na sua atuação profissional. Ela entendeu que seria necessário construir um ambiente empático, heterogêneo e apaziguador para que o finalidade máxima da Educação fosse alcançada: a formação do sujeito.

O filme mostra uma realidade bastante presente na contemporaneidade. A guerra entre gangues, a violência nas ruas, o preconceito racial, a punição de jovens por transgressões legais, a falta de estruturação familiar, a pobreza, a desigualdade social, entre outros fenômenos sociais são mostrados no filme como fatores intrinsecamente

ligadas ao fracasso educacional. Os alunos mostrados no filme, viviam, cada um, realidades diversas que causavam a inibição no seu desenvolvimento escolar, e o mais grave: a corrupção no desenvolvimento do sujeito social capaz de, através da Educação, construir uma sociedade mais humanizada.

A professora encontra uma alternativa para conhecer seus alunos: A apresentação do livro “O diário de Anne Frank”, e a partir disso a produção de diários que falassem da sua vida e de tudo o que constitui seu ambiente socio-cultural. Conhecer a realidade do aluno para, assim, poder construir uma prática pedagógica, baseando-se nas diferenças e pluralidade dos sujeitos, é pôr em prática aquilo que Sousa(2001) e Freire (1968) falam sobre respeito a individualidade do aluno.

Alternando entre aulas práticas e expositivas, adentrando na realidade dos alunos, buscando conhecer os pormenores da cultura ao qual seus alunos estavam inseridos, vivenciando junto com eles atividades que trouxessem a autorreflexão, dinamizando o ambiente físico da sala de aula, realizando explorações linguísticas e sociais através do livro, dando oportunidades de fala aos seus alunos, entre outras ações, fizeram com que a professora conseguisse alcançar o objetivo de educar seus alunos e com a Educação, torna-los sujeitos sociais e agentes transformadores da sociedade.

Foi assim que Gruwel pôde despertar nos alunos alguns princípios que são importantes na formação do sujeito social: o gosto pela leitura, o respeito ao próximo, a admiração pela história, a vontade de estudar e alcançar uma profissão, a construção de um pensamento coletivo, a empatia, a criticidade, o trabalho em equipe, entre outros aspectos que fazem com que a Educação tenha sua finalidade alcançada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, através da pesquisa apresentada, entende-se que é de suma importância que a política e a educação da sociedade contemporânea sejam, primeiramente, autorreflexivas. Contribuindo assim para uma sociedade mais justa e igualitária, formada por cidadãos repletos de criticidade e capazes de enxergar na Educação a luz para a harmonização social.

Foi visto que a formação do sujeito social se dá a partir da relação com o outro no meio social. A Educação tem grande importância no processo de formação do sujeito, por este motivo, deve ser criativa, plural, democrática, crítica, participativa, equitativa, empática e política. Com os questionamentos e reflexões sugeridas nesta pesquisa,

espera-se que o leitor desperte em si a inquietação necessária para sua autoreflexão, utilizando os questionamentos mencionados aqui sobre sua atuação profissional – no caso de educadores –, e sobre sua prática cidadã.

Faz-se necessário que os currículos de formação superior em Pedagogia e também nas demais licenciaturas sejam contemplados, cada vez mais, com a problematização acerca de uma educação humanizada preocupada com a formação ética e moral do sujeito social. Dessa forma, sugere-se que estude-se de forma crítica os perfis curriculares dos cursos de graduação em Pedagogia e nas diversas licenciaturas nas universidades brasileiras, preocupando-se em analisar a presença de disciplinas que fomentem a discussão sobre a formação do sujeito social sob uma ótica crítica e humanizada.

Palavras-chave: Formação, Sujeito social, Pedagogia, Escritores da Liberdade.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia e pedagogos escolares**. Selma Garrido Pimenta. 2006. 184 p. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Sandra Mara Moraes. Sujeito em Bakhtin: autoria e responsabilidade. **PERcursos Linguísticos**. Vitória, v. 8, n. 19, p. 59-76, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Seis razões para pensar. **Lua Nova**, s.l, n. 54, p. 13-23, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ESCRITORES da liberdade. Direção de Richard LaGravenese. EUA: MTV Films; Jersey Films; 2S Films, 2007. 1 vídeo (122 min).

HARARI, Yuval Noah. **SAPIENS: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2020.